

PRIVATE BROKERS

COELHO DA FONSECA

HUBERT GOSSE
DESBRAVADOR

DESIGN

POR TANIA MENAI, DE NOVA YORK, E ANA PAULA ORLANDI

FOTOS GIL INOUE

O EMBAIXADOR

EM 2002, O MUNDO DO DESIGN ERA UMA
COMPLETA INCÓGNITA PARA O PAULISTANO CARLOS
JUNQUEIRA. RADICADO EM NOVA YORK HÁ DUAS
DÉCADAS, HOJE ELE COMANDA A ESPASSO, A LOJA
QUE MOSTROU AOS NORTE-AMERICANOS O QUE
É QUE OS MÓVEIS BRASILEIROS TÊM

Carlos Junqueira na poltrona
Saquarema, de Carlos Motta



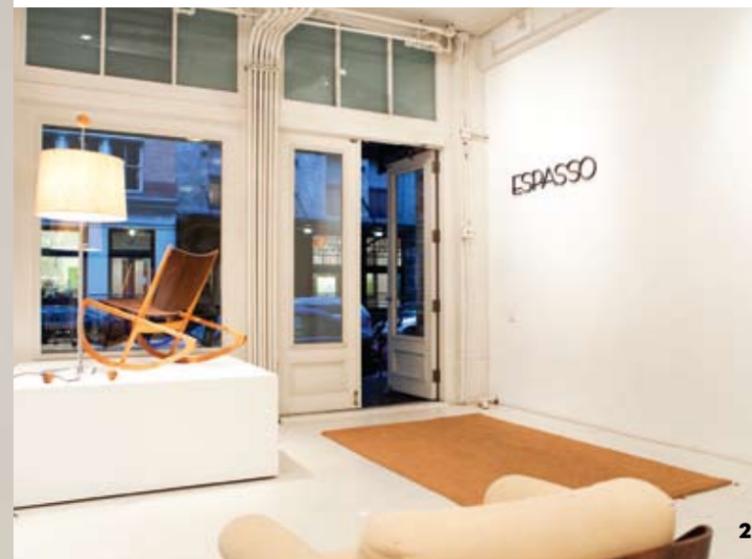
**PARA O DESIGNER CARLOS MOTTA,
“O MÓVEL BRASILEIRO UTILIZA
MADEIRAS BELÍSSIMAS E TEM
SENSUALIDADE. ISSO FAZ TODA A
DIFERENÇA, SOBRETUDO LÁ FORA”**



Fazer um norte-americano pronunciar a palavra timbaúba é quase um desafio. Sucupira, muirapiranga, guarúba, freijó, jacarandá ou roxinho, chega a ser uma aventura. Pois bem, o paulistano Carlos Junqueira conseguiu. E isso graças à Espasso, loja especializada em móveis brasileiros que ele abriu há sete anos, em Nova York. E se, a despeito de tal façanha linguística, virar notícia nas páginas do *The New York Times* e de revistas especializadas como *Wallpaper*, *W*, *House&Garden* e *Surface* é sinal de sucesso – então, sim, a Espasso é um sucesso.

Isso porque, até maio de 2002, o tema design era uma completa incógnita para este advogado radicado há duas décadas em NYC. “Sempre fui vendedor”, diz Junqueira, que nos Estados Unidos trabalhou no setor de marketing da empresa Alpargatas e depois em um escritório de importação de café que fechou as portas em 2001, logo depois dos atentados de 11 de setembro. Desempregado e em busca de um novo caminho a traçar, Junqueira chegou a se imaginar galerista de arte. Mas a conselho de um amigo, o artista plástico Daniel Senise, resolveu girar sua seta e apontá-la para o mobiliário brasileiro. “Foi uma bela de uma surpresa”, afirma Junqueira. “Quando comecei a me interessar pelo assunto, percebi que as peças tinham uma qualidade absurda e ainda eram pouco requisitadas nos Estados Unidos.”

O passo seguinte foi pedir conselho a outro amigo, o arquiteto e designer Carlos Motta – que não só achou a ideia excelente como o colocou em contato com nomes-chave do métier. Como a designer Etel Carmona, que além de produzir as próprias criações representa arquitetos designers do porte de uma Claudia Moreira Salles ou de um Isay Weinfeld. “Apesar de imaginar as agruras que Junqueira iria enfrentar no difícil mercado de Nova York, apostei muito na Espasso”, conta Motta. “Eu sabia do potencial do móvel brasileiro, que utiliza madeiras belíssimas e tem sensualidade. E isso faz toda a diferença, sobretudo lá fora.”



Além da ajuda do amigo, o novato Junqueira fez a lição de casa: pesquisou e aprendeu o que era preciso antes de lançar sua embarcação ao mar. Aprendeu, por exemplo, que os móveis tinham de ser de madeira certificada – detalhe crucial para o mercado norte-americano, cada vez mais voltado às práticas verdes. Outra preocupação foi fazer com que sua loja contasse, através de suas peças, a história do design brasileiro a partir do início do século XX (veja box na página 56). “Acho que consegui traçar essa linha cronológica”, comemora o fundador da Espasso. “Faltam apenas os irmãos Campana, cujas criações sonho em um dia vender.”

“MUITO NÃO NA CARA”

Para bancar a nova empreitada, Junqueira vendeu sua cobertura no Upper East Side e passou a morar de favor na casa de amigos: “Transformei meu apartamento em mesas e sofás”, brinca. Para abrigar a loja, alugou de início uma sala de 350 metros quadrados no



1 Poltronas Oscar (abaixo), de Sergio Rodrigues, e do Liceu de Artes e Ofícios
2 Vitrine da Espasso em Nova York
3 Cadeira Santos Dumont, da marcenaria Mendes-Hirth
4 Interior da loja localizada em uma galeria de 600 metros quadrados em Tribeca, Manhattan
5 Mesa de café Zumbi, desenho de Arthur Casas





segundo andar de um antigo prédio no Queen's, que tinha como trunfo os janelões descortinando-se para a vista panorâmica da ilha de Manhattan. Não demorou para que "Espaço", apelido que deu à loja na época das obras, se transformasse em nome próprio – com o detalhe da grafia adaptada, para não confundir os norte-americanos, cujo alfabeto não tem cedilha. "Diziam que eu era louco de ir para o Queen's, pois os nova-iorquinos endinheirados são conhecidos por não gostar de tirar os pés de Manhattan", lembra Junqueira. "Mas eu pensava positivo, contava com aquela outra história: a de que o nova-iorquino também adora uma novidade."

Novidades à parte, o fato foi que nos primeiros três meses de Espaço poucos nova-iorquinos puseram os pés lá. Isso apesar de Junqueira enfrentar filas e filas nos correios para despachar catálogos da loja para o mailing de arquitetos e decoradores arregimentado durante uma feira de móveis da qual participou. "Levei muito não na cara", recorda. "Mas nem assim esmorecia: quando alguém ligava, eu dizia com o coração na mão que estava com a agenda cheia e só poderia atender em alguns dias", diverte-se. A brisa começou a soprar a favor da Espaço em agosto de 2002, durante uma festa nos Hamptons. "Uma das convidadas se interessou em escrever sobre a loja no jornal onde trabalhava", conta. O jornal, por acaso, era o *The New York Times*. Depois da reportagem, como é de se imaginar, o telefone da Espaço não parou



7

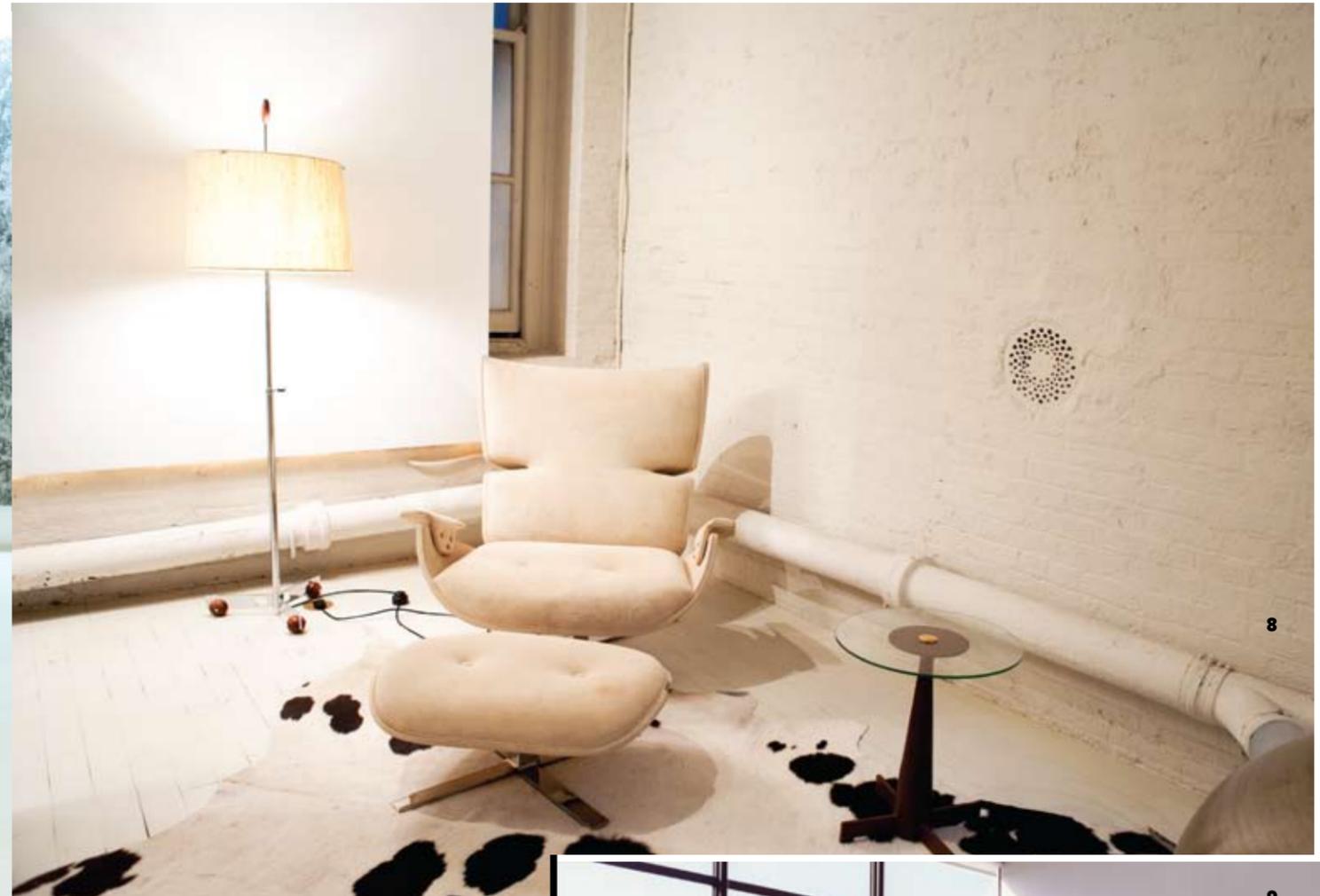
de tocar. Para sua sorte, nessa mesma época, o MoMA mudou-se para o Queen's durante a reforma da sede, em Manhattan, colocando o bairro no mapa dos apaixonados por arte e design.

Dali pra frente, a Espaço só fez ganhar peso. Em setembro de 2006, a loja pousava na atual galeria de dois andares, 600 metros quadrados de área, inteiramente branca, no bairro de Tribeca, em Manhattan. Além de móveis, a cartela de opções da Espaço passou a englobar adornos e utilitários. Isso tanto em Nova York como na filial de Los Angeles, aberta em 2004 e que hoje funciona no Pacific Design Center, shopping especializado em decoração. "Agora, planejo um endereço da Espaço em Chicago, um dos berços da arquitetura moderna."

OBRAS DE ARTE

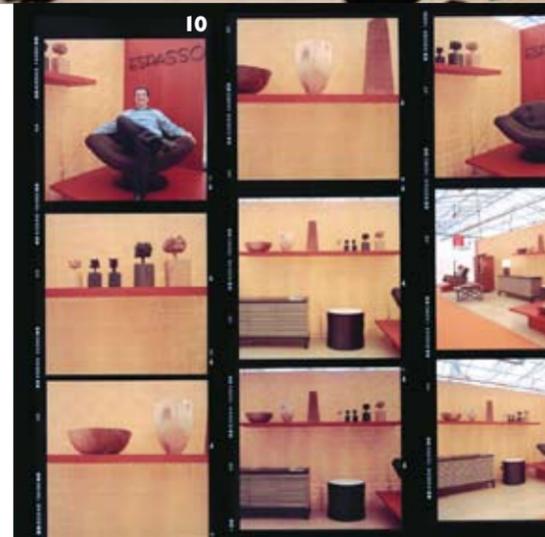
Apesar do prestígio alcançado nos últimos anos, Junqueira acredita que sua Espaço só recebeu o carimbo definitivo de qualidade em setembro passado, quando relançou com exclusividade uma tiragem limitada de 40 unidades da cadeira Chifruda, desenhada pelo arquiteto carioca Sergio Rodrigues em 1962. Até então, o único exemplar existente da cadeira havia sido apresentado ao público numa exposição promovida pela extinta Oca, empresa de Sergio Rodrigues à época. "É uma cadeira totalmente diferente de tudo o que já fiz e que nunca tinha sido produzida em série", diz o arquiteto, de 82 anos. Chifruda voltou à luz

DESIGN



8

FOTOS: 6 ARQUIVO PESSOAL; 7 E 10 DIVULGAÇÃO



10



9

6 Da esquerda para direita: Sergio Rodrigues, Carlos Junqueira, Carlos Motta e o arquiteto norte-americano Mathew Bremmer, autor do projeto das lojas Espaço. Na frente, Arthur Casas
7 Poltrona Chifruda, de Sergio Rodrigues
8 Poltrona Paulistana, de Jorge Zalszupin
9 Interior do antigo endereço no Queen's
10 Estande da Espaço na feira ICFF, 2002, Nova York



10



11

10 Poltrona do designer argentino radicado no Brasil Martin Eisler
11 Cadeira Joaquim Tenreiro e mesa Quilombo, de Arthur Casas
12 Objetos de Etel Carmona



12

depois de ser encontrada em um antiquário de Los Angeles por um norte-americano, que encomendou ao próprio criador a restauração da peça de jacarandá maciço, bastante machucada pelo tempo. “Esse pedido desencadeou em mim a vontade de produzi-la novamente. Há cerca de cinco anos, visitei a Espasso e gostei tanto da proposta da loja que desde então quis fazer alguma coisa com o Carlos”, explica Sergio Rodrigues, que teve até direito a festa para apresentar a Chifruda e outras quatro luminárias de sua lavra também comercializadas na Espasso.

BOMBOM E PAPARICO

A quem interessar possa, a cadeira, de madeira e couro, custa US\$ 20 mil. “Costumo dizer que não vendo móveis, mas obras de arte”, diz Junqueira. Com ele concorda a arquiteta brasileira Daniela Atwell, do escritório G2 de Nova York. “Espasso não é uma loja, mas uma galeria que instrui e seduz os americanos”, ela define. A exemplo de Daniela, grande parte da clientela da loja é formada por arquitetos e decoradores que trabalham para empresários, celebridades e grifes badaladas – caso da Louis Vuitton da Quinta Avenida, que atualmente exibe três vasos de madeira esculpidos no Acre (US\$ 480 cada). E também da Sony, que acomoda no hall de sua loja em Los Angeles a dupla de sofás São Conrado assinada por Claudia Moreira Salles. “Carlos é muito determinado e não brinca em serviço”, elogia a designer. “Aos poucos está se transformando em uma espécie de embaixador do design brasileiro nos Estados Unidos.”

O foco de Junqueira é a sala de estar. “Camas exigem lençóis, travesseiros e colchas”, alega. “Não quero que a Espasso vire uma loja de departamento.”



Os móveis contemporâneos são criados e produzidos em pequenas fábricas no Brasil ou, no caso de algumas peças vintage, garimpados em antiquários e casas de família do Rio e de São Paulo. Uma vez encomendadas, as peças embarcam de navio e demoram de 12 a 14 semanas para aportar em Nova York antes de seguir para seu destino final. É um processo moroso, que acontece pelo mesmo motivo que desencadeou o turning point na vida de Junqueira. Depois do fatídico 11 de setembro, todos os contêineres que chegam às margens dos Estados Unidos precisam ser abertos, fiscalizados e passados no raio X. “Esse trâmite já me rendeu uma série de cabelos brancos”, conta Junqueira. “No início, além da burocracia, eu não sabia ao menos se a madeira chegaria intacta.”

Em suas lojas, ao contrário, impera a descontração. Há quem passe três horas flinando pelos ambientes da Espasso, alisando móveis e vasos. Além da beleza do acervo, os visitantes, recebidos apenas com hora marcada, entram no clima com música brasileira ambiente, cafezinho, refrigerante de guaraná e até bombom Sonho de Valsa. Já as entregas na casa dos clientes são sempre supervisionadas por um dos membros da equipe. No caso da filial em Los Angeles, a missão compete ao mineiro Felipe Rocha, assistente de Carlos, que trabalha com móveis desde quando morava em Ubá, sua cidade natal e terceiro polo do setor moveleiro no Brasil. “Quem paga o preço do que vendo gosta de um paparico”, resume o embaixador.

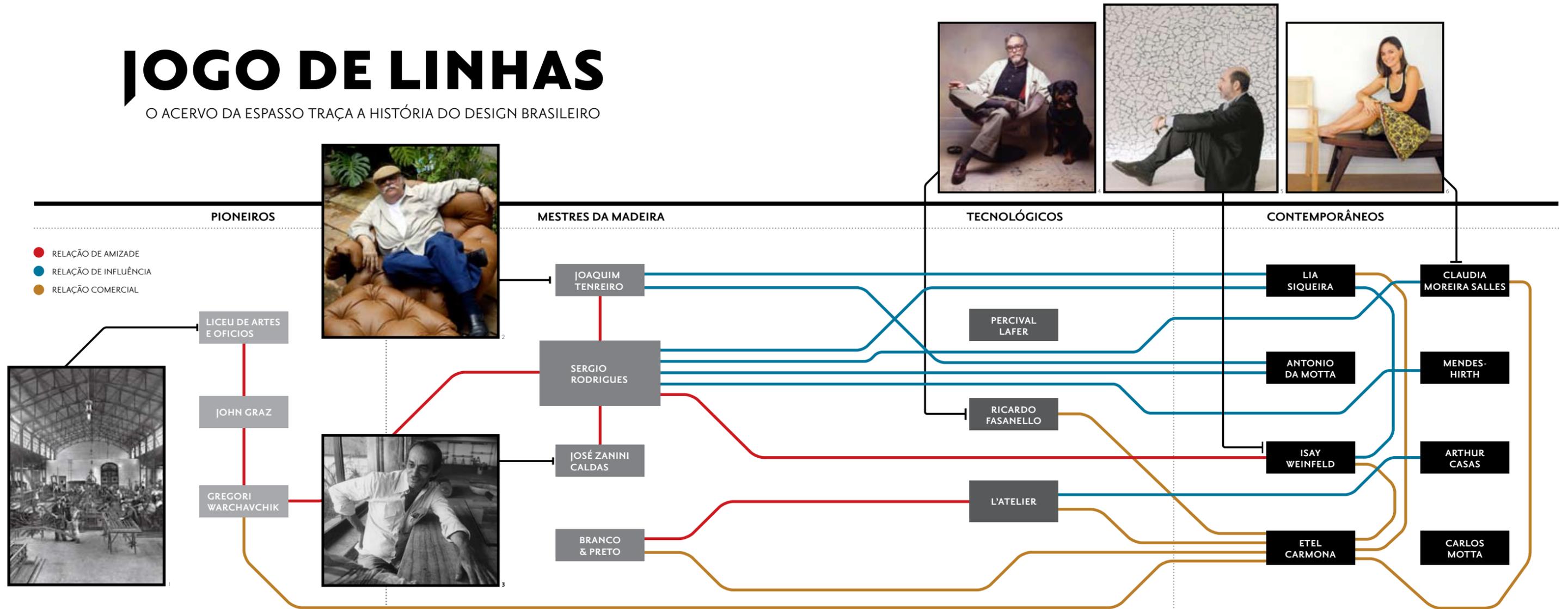
“COSTUMO DIZER QUE NÃO VENDO MÓVEIS, MAS OBRAS DE ARTE”, AFIRMA CARLOS JUNQUEIRA



Ambiente da loja Espasso em Los Angeles

JOGO DE LINHAS

O ACERVO DA ESPASSO TRAÇA A HISTÓRIA DO DESIGN BRASILEIRO



LICEU DE ARTES E OFÍCIOS (1873) A escola criada para formar artesãos e operários ajudou a mobiliar a belle époque da capital paulista, sobretudo entre 1900 e 1940.

JOHN GRAZ (1891-1980) Pintor, escultor e artista gráfico suíço, chegou ao Brasil nos anos 1920. Ligado ao modernismo, decorou casas projetadas por Gregori Warchavchik e supervisionou a produção do Liceu de Artes e Ofícios.

GREGORI WARCHAVCHIK (1896-1972) Arquiteto russo radicado no Brasil, imprimiu o estilo bauhaus na mobília brasileira. A casa que projetou na rua Itápolis (1928-1930), em Higienópolis, é considerada marco inicial do modernismo arquitetônico no Brasil.

JOAQUIM TENREIRO (1906-1992) Ao trocar Portugal pelo Rio trabalhou inicialmente como marceneiro. Em 1942, projetou seu primeiro móvel. Valorizou elementos como a palhinha trançada e madeiras nacionais como a imbuia, o cedro e a peroba.

SERGIO RODRIGUES (1927) Arquiteto carioca, passou a vida desenhando móveis. Com Joaquim Tenreiro e Bernardo Figueiredo projetou os móveis das construções públicas de Brasília. Sua poltrona Mole (na foto 2), de 1957, hoje integra o acervo do MoMA, em Nova York.

JOSÉ ZANINI CALDAS (1919-2001) Autodidata, o arquiteto baiano era conhecido como “o mestre da madeira”. Os móveis que criou a partir de 1948 unem modernismo e artesanato tradicional brasileiro.

BRANCO&PRETO (1952-1970) Criada por seis arquitetos de São Paulo, a loja reunia móveis desenhados pelo grupo (leia na página 58).

PERCIVAL LAFER (1936) Arquiteto paulista, teve como principal característica o emprego de materiais como plástico e fibra de vidro.

RICARDO FASANELLO (1930-1983) Nos anos 1970, os móveis do designer paulista radicado no Rio chamaram a atenção pela influência do Pop Design, com formas arredondadas e referências à corrida espacial.

L'ATELIER (1955-1988) Fundado pelo arquiteto polonês Jorge Zalszuspín, foi um dos primeiros a comercializar móveis de plástico no Brasil.

LIA SIQUEIRA (1958) À frente da Azul Arquitetura&Design, a arquiteta e designer carioca tem forte ligação com a madeira. Nos anos 1980 trabalhou no escritório alemão Weilding, Kettner e Werner, em Berlim.

ANTONIO DA MOTTA (1961) Inspirado pelo barroco e pelo modernismo, o designer baiano lançou sua primeira linha de móveis em Nova York, em 1993, com influências afro e contemporâneas.

ISAY WEINFELD (1952) Um dos profissionais mais importantes da sua geração. Costuma criar móveis com a mesma irreverência e detalhismo de seus projetos arquitetônicos.

ETEL CARMONA (1947) Autodidata, começou restaurando móveis e logo passou a produzir peças. Em 1993, criou a loja Etel Interiores.

CLAUDIA MOREIRA SALLES (1955) A designer carioca que vive em São Paulo desde 1980 transita entre a tradição e o futuro: suas obras exploram materiais brasileiros e refletem sobre a herança do mobiliário nacional.

MENDES-HIRTH (2002) Fernando Mendes de Almeida trabalhou com o primo Sérgio Rodrigues por sete anos. Já Roberto Hirth é neto de um dos donos da Laubisch Hirth, que fabricava mobília para o Itamaraty. Em 2002, os dois designers criaram a marcenaria que produz peças contemporâneas com encaixe artesanal.

ARTHUR CASAS Para este arquiteto paulista, o design é um desdobramento natural da profissão. Seus móveis misturam materiais como madeira certificada, fibras naturais e latão.

CARLOS MOTTA (1952) O arquiteto e designer paulistano trabalha com madeira certificada ou de redescobrimto – aquela vinda de demolição, derrubada pelo vento ou encontrada em mar ou rio.

FOTOS: 1 ACERVO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS; 2 ANA CAROLINA FERREIRAS/FOLHA IMAGEM; 3 SIDNEY CORRALLO/AE; 4 DIVULGAÇÃO; 5 ADRIANA ELIAS/FOLHA IMAGEM; 6 GISELE BERENKACH/FOLHA IMAGEM; INFOGRÁFICO: CÁSSIO BITENCOURT